

**DIREITO: *LOCUS* DE TENTATIVA DE TRANSFORMAR O  
ABSTRATO DO PENSAMENTO EM CONCRETO HISTÓRICO**

RIGHT: *LOCUS* OF ATTEMPT TO TRANSFORM THE ABSTRACT OF  
THOUGHT INTO HISTORICAL CONCRETE

Roberto M. Inhauser<sup>1</sup>

**RESUMO**

Busca este artigo uma reflexão sobre a construção pensamentos e argumentos fundados em ideias puramente abstratas e o seu uso como instrumento para que o Direito, por intermédio dos seus mecanismos de coerção, seja transformado em elemento de coação.

Palavras-chave: ideias abstratas; Direito; argumentação; coerção social; coerção legal.

**ABSTRACT**

This article seeks a reflection on the construction of thoughts and arguments based on purely abstract ideas and their use as an instrument so that law, through its coercion mechanisms, is transformed into an element of coercion.

**Keywords:** abstract ideas; Law ; argumentation; social coercion; legal coercion.

**RESUMEN**

Tiene como objetivo este artículo hacer una reflexión acerca de la construcción de pensamientos y argumentos fundados en ideas puramente abstratas y su uso como instrumento para que el Derecho, por medio de sus mecanismos de coersión, sea transformado em elemento de coación.

Palabras clave: ideas abstractas; Derecho; argumentación; coacción social; coacción legal.

---

<sup>1</sup> Formado em Teologia e Direito, Especialista em Ciências Sociais (Filosofia), Mestre em Educação e Mestre em Direito pela UNAERP. Professor da Universidade de Ribeirão Preto/SP

## **INTRODUÇÃO**

É no campo da história que o ser humano constrói e desenvolve aquilo que é mais caracteristicamente do ser humano, ou seja, é no campo da história que são travadas as grandes batalhas sobre os pensamentos, são travadas as batalhas mais significativas daquilo que ele se propõe a construir, daquilo que ele se propõe a ser, daquilo que ele se propõem a deixar como construção histórica. É dentro da história que as coisas efetivamente acabam acontecendo porque o ser humano é um ser histórico. Ele é um ser que vive e constrói a sua história. Na verdade, o ser humano não só se propõe a ser o autor, mas também o ator na sua própria história. E dentro deste jogo, deste conjunto, deste jogo de conteúdos que o ser humano vai deixando as suas marcas na história, achando que ele está fazendo uma coisa muito significativa, está deixando algum legado que vai ser lembrado por todos, sempre que as pessoas saibam quem afinal de contas ele foi. A história é, nesse sentido, o campo das grandes batalhas, é o campo das dos grandes acontecimentos na vida do ser humano, é o campo onde as suas ideias afloram.

Agora seria interessante pensar um pouco, trazer um pouco à lembrança aquilo que efetivamente o ser humano, no final das contas, é e representa. Impressionante como o ser humano, dentro dessa característica, se esquece ou deliberadamente não tem muito de percepção daquilo que efetivamente está acontecendo por detrás de tudo aquilo que ele está construindo, está fazendo, de tudo aquilo que ele está pensando. No final das contas, está ligado a outros seres humanos. Ele acaba juntando-se com outros para a construção de uma história que entende seja a história que deva ser construída. Neste diapasão é importante destacar e fazer uma breve caminhada de algumas coisas que efetivamente se transformam e que são importantes para a percepção do que anda acontecendo.

## **I - OS PENSAMENTOS E A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA**

Muitos são os instrumentos que o ser humano se vale nesse afã de construção da sua história. De consignar que o mais importante deles seja o instrumento da linguagem, considerando que é por meio dela que o ser humano pode trazer para fora tudo aquilo que está

habitando dentro de si mesmo, trazer para fora aquilo que faz parte, no que Aristóteles chamava da morada humana, daquilo que efetivamente está em sua cabeça, aquilo que é necessário ser trazido à tona para poder significar alguma coisa para a nossa compreensão, do que está acontecendo no nosso dia a dia e na nossa história.

A linguagem se transforma no grande instrumento da argumentação, do grande instrumento da construção de linhas de pensamento que, separadas ou conjuntamente trazidas à luz, pode fazer, tem o condão de oportunizar que as pessoas se juntem, se separem, lutem entre si, as pessoas busquem os seus espaços para que as suas ideias, os seus pensamentos efetivamente sejam acolhidos. Não só acolhidos como há uma tentativa sempre constante no ser humano de cooptar o outro para que ele participe e passe a pensar da forma como cada um está pensando. Esta é uma multiforme maneira de os seres humanos construírem o seu momento histórico e, nessa construção, trazer à tona algumas coisas que seriam necessárias serem percebidas para que os pingos, ou pelo menos alguns, possam ser colocados nos is.

Na busca de um possível referencial de início da história, daquilo que pretendemos aqui expor, entrar na filosofia e no seu significado é de estruturação fundamental. Vamos buscar algumas coisas que interessam aqui na nossa linha de raciocínio, a própria forma de ser da filosofia ou seja, *filéo*, *filia*, amor, e *sophia* sabedoria. Isto nos leva a pensar que é na própria forma de existir da filosofia que existe uma preocupação com aquilo que é o ser humano.

A filosofia nasceu com os egípcios mais de dois mil anos antes do período cristão, mas foram os filósofos gregos que, principalmente através da escrita, sistematizaram a arte de pensar sobre a existência humana, a ética e moral, o conhecimento etc.

Aliás, os filósofos, desde as mais priscas eras, sempre estiveram interessados em saber a respeito do ser humano, daquilo que é o conjunto do seu pensamento e nisto eles foram ímpares porque muitos deles trouxeram a luz coisas que até então não tinham sentido, um significado, mas que, a partir de um determinado momento, quando começaram a fazer as perguntas, começaram a problematizar alguns conteúdos e saíram em busca de possíveis respostas. Os filósofos, especialmente os gregos, ajudaram a trazer à luz alguns conteúdos que até o hoje são significativos. Dentre os muitos que, no decorrer da história, ajudaram a construir linhas de pensamento que até hoje ainda procuramos entender, podemos destacar:

**Anaximandro** (610 a.C. - 546 a.C.) - acreditava que o nosso mundo era apenas um entre vários outros, que se desenvolviam, evoluíam e destruíam, em um processo infinito e inevitável. Para ele, tudo tinha início no que ele chamava de *Apeiron*, algo que não tem fim, nem começo, e é a origem de todas as coisas. Nele continha toda a natureza.

**Heráclito** (540 a.C. - 470 a.C.) – para ele tudo estava em constante estado de transformação; a verdade então seria dialética, sempre com dois opostos se relacionando; o movimento era para ele o principal fundamento da natureza.

**Parmênides** (510 a.C. - 445 a.C.) - Ele concluiu que o mundo era uma ilusão, baseado em suas ideias do que era o ser. Não há nada além do ser, pois tudo o que existe é, e tudo que o existe não é. A natureza para Parmênides era imóvel, não se dividia, não se transformava e estava presente em tudo, ela simplesmente "era". Se "tudo" era composto pelo ser, que não se alterava, mas claramente o mundo que via com os seus olhos mudava, então esse "tudo" se tratava de uma mentira. Suas ideias influenciaram o pensador Platão.

Com a chegada de Sócrates no mundo da filosofia, os pensadores abandonaram a vertente mais física e passou a trabalhar em aspectos mais humanos. Ou seja: a compreensão do humano no mundo, questões existenciais. "*Quem somos, de onde viemos, para onde vamos, o que é a verdade?*"

**Sócrates** (470 a.C.- 399 a.C.) - A famosa frase "Só sei que nada sei" explica a essência do pensador, que ao ser apontado como o homem mais sábio do mundo, dizia que o que o diferenciava de outros sábios, é que tinha noção da sua ignorância. Um de seus métodos mais conhecidos de filosofar era através de **perguntas incansáveis** que fazia aos seus discípulos, forçando uma aprendizagem democrática e mais eficiente.

**Platão** (427 a.C. - 347 a.C.) - fundou a **Academia Platônica**, considerada a primeira universidade ocidental. Seu pensamento mais famoso diz respeito ao mito da caverna, que explica a ideia de que os nossos sentidos nos apresentam um mundo ilusório, irreal, e apenas através da razão (do estudo, do pensamento filosófico, e da ciência), é que teríamos acesso ao mundo real, fora da caverna.

**Aristóteles** (384 a.C. - 322 a.C.) - acreditava que a experimentação era o caminho para o verdadeiro conhecimento, o que divergia da ideia de razão de seu mestre Platão; fundou sua própria escola, o Liceu, onde formulou diversas ideias sobre o universo, os animais, a ética, a lógica e outros temas que por mais de mil anos serviram de base para o pensamento científico ocidental.

Com a ascensão de "Alexandre, O Grande" na conquista de terras em várias partes do mundo, deu-se o início a um novo grupo de filósofos, chamados helenistas. Helenistas é como os gregos se autointitulavam, e a ideia do pensamento desse período era espalhar a cultura grega pelo mundo.

O novo contexto social de globalização da cultura grega deu início a uma necessidade de novas explicações e pensamentos para a nova ordem, novo mundo, formado de sociedades que se misturavam e deveriam assimilar a cultura grega.

**Epicuro** (341 a.C - 271 a.C.) - teve Sócrates e Aristóteles como professores, mas inaugurou uma nova forma de pensamento que condizia com o contexto social da época, chamada Epicurismo; acreditava que o sentido da vida era satisfazer prazeres, mas só os que não eram impostos pela sociedade, e sim os prazeres simples, como beber água quando se está com sede. Isso seria a chave para uma vida feliz. Como um bom materialista, ele acreditava também que, como tudo era feito de átomos, não era preciso temer a morte, que era apenas uma fase de transição, de transformação natural da vida.

**Zenão de Cítio** (333 a.C - 263 a.C.) - atraído pelos ensinamentos de Sócrates, foi parar em Atenas. Fundou a escola filosófica estoica, discordava de Epicuro e achava que o homem tinha que desprezar qualquer tipo de prazer e problema; o importante do homem era adquirir a sabedoria necessária para entender o cosmos.

**Pirro de Élide** (360 a.C - 270 a.C.) - acompanhou o explorador Alexandre em sua jornada pelo oriente, onde se deparou com culturas e costumes muito diferentes, e percebeu que não conseguiria determinar o que era certo e errado, justo ou injusto, bem ou mal; sua filosofia era: se você quer ser um sábio, não dá para ter certeza de nada. É considerado o primeiro filósofo cético da história.

Fora do contexto ocidental, encontramos **Kung Fu-tsu**, conhecido como **Confúcio** (551-479 a.C.) – foi fundamental na constituição da cultura asiática. Suas reflexões giraram, sobretudo, acerca da **justiça** e do que significava estabelecer um bom governo.

Adentrando em novo tempo, encontramos no caminho até o Renascimento alguns pensadores/filósofos, representando escolas de pensamento, que merecem ser citados:

**Filosofia dos Apóstolos** - o nome mais conhecido desta escola é Paulo de Tarso. Naquele período (séculos I e II d.C.), a grande preocupação ainda era a difusão do pensamento cristão, ou seja, espalhar a mensagem bíblica de salvação pela graça na pessoa de Jesus Cristo. Nos séculos seguintes as invasões bárbaras trazem um novo cenário, ocorrendo a popularização do próprio cristianismo e a divisão do Império Romano, ocorrendo uma onda de mudanças sociais, acompanhadas também pelo crescimento da igreja, como uma instituição formal.

**Filosofia Apologética** - com uma base de fiéis muito grande, o cristianismo apresenta um novo tipo de filosofia medieval, chamada apologética, isto é, apologia às Escrituras Sagradas, negando toda a filosofia anterior, considerada pagã (da tradição clássica greco-romana).

**Filosofia Patrística** - Com a igreja e o cristianismo plenamente estabelecidos, surgia a possibilidade de aprofundar muitas questões existenciais.

É a partir daqui que entramos no período medieval propriamente dito, com o maior nome desta escola sendo **Santo Agostinho** - desenvolveu a ideia de uma **Cidade de Deus**, representando o mundo espiritual, em contraposição ao mundo terreno. Como um desdobramento desta ideia, também haveria um “tempo de Deus”, diferente do humano, defendendo que o tempo seria infinito no plano divino. Agostinho passou a redefinir os entendimentos da trindade, do pecado original e outros pontos sensíveis para os cristãos. Seus pensamentos refundaram a filosofia medieval, abrindo as portas para discussões mais abrangentes, como a relação entre fé e razão.

**Filosofia Escolástica** - Justamente por ser difícil conciliar fé e razão, muitos teólogos se recusavam a conceder qualquer importância à razão que não fosse estritamente obediente aos preceitos da fé, visto que, conforme o conhecimento científico desafiava os temas cristãos, impondo perguntas cada vez mais difíceis, muitos teólogos reagiam

condenando a razão, forçando uma cisão entre fé e razão, até o ponto da razão ser considerada uma faculdade subalterna, menos importante que a fé.

Três grandes eixos temáticos, se desenrolam na filosofia medieval:

- a. Conhecer e entender a natureza divina;
- b. Compreender e determinar a relação da humanidade com a divindade;
- c. Estabelecer os campos da fé e da razão.

**Baixa Idade Média: São Tomás de Aquino** - viveu muito depois de Santo Agostinho, já no século XIII, e o contexto de sua época permitia a retomada dos clássicos. Mais importante, permitia a retomada da filosofia grega, sobretudo de Aristóteles, a quem Aquino devotava grande respeito. Às portas do Renascimento, Aquino era um fruto do seu tempo, já que podia se dar ao luxo de retomar o pensamento clássico e conciliar, mais uma vez, fé e razão, dentro do cristianismo. Embora não falasse em um “tempo de Deus”, falava em uma “completude de Deus”, algo que significava que todo o sentido da vida estava no plano divino. Aos homens, não cabia outro sentido de existência, que não a busca da felicidade pela graça divina.

Apesar dos nomes de escolas e dos contextos históricos diferentes, entre o início do primeiro milênio e o Renascimento, Deus sempre foi o grande tema. E mesmo hoje, após várias renovações de toda a filosofia ocidental, ainda assim, a filosofia medieval permanece presente na base da filosofia contemporânea.

**René Descartes** (1596 - 1650) - passou por entre diversos campos do conhecimento foi físico, matemático e filósofo. Tido como o criador do pensamento cartesiano, as suas reflexões serviram de base para o que conhecemos como a Filosofia Moderna. Formado em Direito, Descartes nunca atuou. Desencantado com a profissão, ele achava que só a matemática era capaz de demonstrar aquilo que afirmava. Fundou o sistema filosófico chamado Pensamento Cartesiano.

**Montesquieu** (1689-1755) – a divisão dos poderes em Executivo, o Legislativo e o Judiciário foi construção sua, sendo a sua mais relevante contribuição social de Montesquieu, considerado o **precursor da Sociologia Francesa**. Foi considerado um dos maiores nomes do iluminismo, sempre foi um intelectual e dedicou a sua vida a estudar não

só a sociedade francesa como também uma série de civilizações distintas com as quais aprendeu a relativizar valores que antes pareciam irrefutáveis.

A partir disto podemos adentrar em alguns dos filósofos contemporâneos:

**Immanuel Kant** (1724-1804) - fundador da Filosofia Crítica, o trabalho de Kant serviu de base para a filosofia moderna. Revela que o espírito ou razão, modela e coordena as sensações, das quais as impressões dos sentidos externos são apenas matéria prima para o conhecimento. O julgamento estético e teleológico une nossos julgamentos morais e empíricos, de modo a unificar o seu sistema. Na sua obra "*Crítica da razão pura*" (1781), Kant busca formular maneiras para fazermos um bom uso do entendimento. Ao perceber que somos limitados pelo que nos é dado conhecer, não poderemos conhecer a verdades sobre o mundo "como ele é em si". Isso porque percebemos e pensamos o mundo de formas determinadas. Assim, é fundamental estudar como o conhecimento pode ser limitado, pois isso leva à suas possibilidades e suas aplicações reais. No tocante à sua obra "*Crítica da razão prática*" (1788), Kant formula as bases de sua filosofia moral. O que funda a ação humana e o que nos é dado fazer, constituem assim, um tratado sobre a moral humana. Nesta obra, o autor desvela a moralidade de forma similar ao modo como formula sua abordagem acerca do conhecimento. Ele discute os princípios da ação moral enquanto forma de separar a moral de uma fundamentação religiosa. Para ele, a razão era suficientemente capaz de resolver as questões relativas à moralidade, sem precisar do apelo à superstição ou elementos sobrenaturais. Nisso, desenvolve seu imperativo categórico, uma fórmula racional para a resolução de questões morais.

**Georg Wilhelm Friedrich Hegel** (1770-1831) - foi precursor do existencialismo e do marxismo. Com uma sólida formação religiosa, o intelectual começou escrevendo sobre temas teológicos até escolher se debruçar sobre a filosofia grega e a literatura. Em sua obra "Fenomenologia do Espírito" critica alguns pensamentos de Kant e inaugura o idealismo absoluto, tornando-se reconhecidamente um intelectual independente e original. Nela teoriza sobre a história do espírito humano, analisando os pensamentos gerados pela humanidade até o momento. Com isso, ele organizou um desenvolvimento crescente e progressivo da razão. A filosofia hegeliana ofereceu ainda elementos para pensar a ação política. Após a sua morte, surgiram duas linhas de interpretação de sua obra: de um lado, os discípulos de uma "direita hegeliana" e, de outro, uma "esquerda hegeliana".

**Friedrich Nietzsche** (1844-1900) - seu primeiro interesse de estudo foi a Bíblia, paixão que havia herdado do pai, e assim passou parte da vida estudando religião antes de alargar os seus horizontes. Segundo ele, o bem e o mal; a verdade e a mentira; e a beleza e o feio não existiam de forma inata no homem, mas sim o desejo, a vontade de alcançar o poder. Para ele, a cultura judaico-cristã, que tinha como ideais a humildade e submissão, havia sido responsável pela formatação dos valores tradicionais. As ideias do eugenismo, que defendia a bandeira de que o rumo da sociedade deveria ser guiado pelos mais fortes, que predominaram no começo do século 20, foram totalmente influenciadas pela filosofia Friedrich Nietzsche.

**Martin Heidegger** (1889-1976) - refletiu sobre o ser, cuja inquietação que motivou a sua escrita acadêmica era movida pelas perguntas do que seria, afinal, o homem, isto é, quem é o ser. A filosofia de Heidegger baseia-se na ideia de que o homem é um ser que busca aquilo que não é. Seu projeto de vida pode ser eliminado pelas pressões da vida e pelo cotidiano, o que leva o homem a isolar-se de si mesmo. Também trabalhou o conceito de angústia, a partir do qual o homem transcende suas dificuldades ou deixa-se dominar por elas, tornando-se, portanto, um projeto inacabado.

**Ludwig Wittgenstein** (1889-1951) refletiu sobre a linguagem, quando se dedicou integralmente ao exercício do pensamento, Wittgenstein produziu textos que refletem sobre a linguagem, a lógica, a percepção humana, a razão, a ética, a religião e a estética. Passeou por uma série de temas e deixou o seu contributo em diversas áreas apresentando novas formas de se interrogar sobre o mundo, o pensamento e a própria linguagem.

**Walter Benjamin** (1892-1940) – era judeu, escreveu sobre as transformações sociais; pensou sobre o seu tempo, e gostava de refletir sobre as questões que inquietavam os séculos XIX e XX, como, por exemplo, a ascensão da cultura de massas, ajudou a repensar a história e as transformações sociais testemunhadas pela sua geração.

**Jean William Fritz Piaget** (1896-1980) - é uma referência nos estudos sobre educação. Intrigado pela mente humana, fascinado pelo cérebro das crianças, quis entender mais sobre o processo de aquisição do conhecimento e sobre a lógica por trás do pensamento infantil. O objetivo central da teoria de Piaget baseia-se em estudar a gênese dos processos mentais do indivíduo, como tais processos são construídos desde a infância. Para ele, o conhecimento seria o resultado das interações entre o sujeito e o objeto. Em seus trabalhos, Piaget defendia que o desenvolvimento do indivíduo se dava a partir de sua ação sobre o meio

em que este estava inserido, recebendo influências também de fatores biológicos em seu desenvolvimento mental.

**Jean-Paul Sartre** (1905-1980) – é uma referência quando pensamos no movimento existencialista francês que pregava, acima de tudo, a liberdade individual do ser humano. Uma de suas expressões fundamentais foi: *Estamos condenados a ser livres*. Era pacifista e contra qualquer guerra armada. Era contra a imposição direta de ditaduras opressoras, pois ele enxergava na liberdade o principal exercício da vida humana. Era defensor da liberdade irrestrita, pois acreditava ser a liberdade o que movia o ser humano, sendo paradoxalmente, condenado à liberdade. Somos seres feitos de escolhas. Por mais que eventos externos afetem as nossas escolhas, nós continuamos escolhendo. Isso inclui a escolha entre resignar-se para escapar da morte ou enfrentar o poder e ser morto. A maior expressão do pensamento sartreano foi o existencialismo.

**Claude Lévi-Strauss** (1908-2009) - é considerado o mestre da Antropologia Social. Para ele, existe uma estrutura mental universal da humanidade que organiza as nossas experiências em formas simbólicas, ou seja, não existe diferença na mente ou na intelectualidade entre seres humanos, seja qual for a sua sociedade pois é a partir dessa estrutura universal que os seres humanos produzem uma diversidade cultural. As formas diferentes de cultura que se encontram em todo o planeta não devem, desse modo, ser interpretadas como inferiores ou superiores. De fato, o que existe são modos diferentes de organizar a experiência a partir de símbolos.

**Paul Ricoeur** (1913-2005) - foi um dos grandes intelectuais do pós-guerra. Eclético, ao longo da carreira pensou a psicanálise, a teoria literária, a filosofia política, a história e até se dedicou aos estudos bíblicos. **Com a ideia de "pessoa"** buscava recriar - pois considerava que elas haviam sido perdidas no século XX - as bases para um conceito de dignidade humana, posto que os modos de compreender os sujeitos - como agentes racionais, seres políticos ou como consumidores - eram insuficientes para dar conta da complexidade humana, cabendo ao filósofo retomar, então, a ideia de pessoa: **os seres humanos são pessoas, não outra coisa.**

**Michel Foucault** (1926-1984) questionou o sistema carcerário tradicional; teve interesse pela questão da doença mental. Entre as questões que mais o mobilizaram estava a luta contra o racismo, a violação dos direitos humanos e o problema das instituições

carcerárias. Foi uma voz importante que **pensou os espaços de poder**, o controle social e os sistemas de punição e exclusão dos que não se enquadravam socialmente.

**Jürgen Habermas** (1929) é o filósofo vivo mais importante da atualidade, focou os seus estudos na **Teoria da Ação Comunicativa**, onde reflete principalmente sobre a democracia, sobre a política contemporânea, sobre a sociedade e sobre o Estado de Direito (nesse caso mais focado no contexto alemão). Para ele a razão é ampla e se dá por outros meios – a comunicação é um deles. No exame da verossimilhança entre o que é dito e a realidade, a comunicação carrega intrinsecamente a racionalidade. Desenvolveu o conceito de ação comunicativa, modelo racional de interação, por meio de argumentação, debate, deliberação, para se alcançar acordos, feita a interação na esfera pública. A ação comunicativa deveria ser balizada por algumas pretensões: inteligibilidade, isto é, ser de fácil compreensão; verdade, ou seja, ser embasada em informações verdadeiras; sinceridade na exposição de ideias; correção normativa, que significa ser correta dentro de um contexto de normas e valores. Observa que a sociedade contemporânea foi historicamente moldada com base em uma cultura majoritária. Defende amplo debate público para a produção do consenso, sendo o debate livre e racional primordial para a democracia.

**Jacques Derrida** (1930-2004) criou a teoria da desconstrução, que desafia a ideia de uma estrutura concreta e realça a noção de que não há estrutura ou centro. A ideia de uma *relação direta entre significante e significado já não é mais sustentada*, pelo contrário, temos infinitas mudanças de significados retransmitidas de um significante para outro.

**Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno** (1903-1969) - desenvolveu o conceito de indústria cultural, termo que se refere à exploração artística que visa como fim o lucro. A filosofia de Adorno tem como bases principais a dialética (conflito entre princípios teóricos e fenômenos empíricos) e a psicanálise (teoria da alma criada por Freud). Para ele a inteligência é uma categoria moral, a emoção e a inteligência são fundamentais para termos atitudes morais. Fez duras críticas à indústria cultural e aos meios de comunicação de massa (principalmente televisão e rádio), que consegue fazer a dominação ideológica dos consumidores, através dos meios de comunicação.

## II - DO CAMINHAR E ESTRUTURAR DO PENSAMENTO

De Sócrates tiramos a grande lição da sua vida: ia para praças públicas; interpelava os transeuntes “sabidos”, fazendo-se passar por ignorante; colocava-o numa situação que só podia reconhecer a sua própria ignorância; a relação que estabelece com as pessoas não é puramente intelectual, nem alheia às emoções; o seu conhecimento não é livresco, mas vivo e em processo de se fazer; o conteúdo é a experiência cotidiana; guia-se pelo princípio de que nada sabe e, desta perplexidade primeira, inicia a interrogação e o questionamento do que é familiar. Ao criticar o saber dogmático, não quer dizer que ele próprio é detentor de um saber: desperta as consciências adormecidas, mas ele não é um “farol” que ilumina; o caminho novo deve ser construído pela discussão, que é intersubjetiva, e pela busca criativa de soluções; ele é “subversivo” porque “desnor-teia”, perturba a “ordem” do conhecer e do fazer e, portanto, deve morrer.

Nos primórdios, a ciência se achava ligada à Filosofia e, a partir do Séc. XVII, a revolução científica iniciada por Galileu determinou a ruptura dessas duas formas de abordagem do real, aparecendo as ciências particulares, ou o nascimento da própria ciência.

Característica das ciências é sua especialização e observação de “recortes” do real, tendo a Filosofia observar o objeto do ponto de vista da totalidade (visão de conjunto). Em todos os setores do conhecimento e da ação, a filosofia deve estar presente como reflexão crítica a respeito dos *fundamentos* deste conhecimento e agir.

A filosofia não faz juízos de realidade, mas juízos de valor; não só vê *como é*, mas *como deveria ser*.

O processo do filosofar começa a partir do que conhecemos, das *filosofias de vida* que carregamos historicamente conosco, sendo um pensar não sistematizado, não colocado em discussão, pelo qual o homem escolhe os seus caminhos, segundo objetivos que estabelece. Ora, a Filosofia tem condições de surgir no momento em que esse pensar é posto em causa, tornando-se objeto de uma reflexão, isto é, retomar o próprio pensamento, pensar o já pensado, voltar para si mesmo e colocar em questão o que já se conhece. Esta reflexão precisa ser radical, rigorosa e de conjunto.

No meio de tanta velocidade de acontecimentos e pensamentos, a filosofia parece inútil. No entanto, ela permite, por meio da reflexão, que o homem tenha mais de uma dimensão do cotidiano e dos pensamentos, permitindo o distanciamento para a avaliação dos

fundamentos dos atos humanos e dos fins a que eles se destinam. Seu objetivo é impedir a estagnação.

Exatamente por isto a Filosofia se constitui no grande instrumento para a crítica da ideologia (*a-létheia* = desnudar), exigindo coragem para enfrentar as formas estagnadas do pensamento até mesmo expresso pelo poder que tentam manter o *status quo*, aceitando o desafio da mudança.

Considerando que o ser humano é um ser que *se distingue* dos demais porque percebe o ser, diferentemente de todos os demais seres vivos, visto que o ser humano é uma *coisa que pensa*, o que institui o fenômeno da existência: projeto onde o ser é experimentado como problema porque é apreendido como lançado (*bállein*) na impossibilidade de si próprio (*pro*).

O ser humano é animal que se posiciona, busca a verdade do ser, é sempre intérprete, e esta atividade de interpretar faz surgir o mundo: é uma escritura ou cultura (é o *caráter* de uma interpretação do ser), totalidade significativa.

Pensar está ligado ao mundo, ao arranjo existencial de uma época, à interpretação de um grupo, que facilmente se constitui em ideologia mantida para defender interesses claros ou ocultos daqueles que dela se servem.

Necessário ressaltar que ideologia não é filosofia: é pensar elaborado, acabado, fechado, não se transcende; nasce do impulso do ser humano de situar-se, da ânsia de segurança, do desejo de definir uma posição no campo aberto de possibilidades que é a vida.

Absolutamente necessário se faz observar, constatar que, apesar de todo o discurso que envolve o ser humano, ele não suporta o puramente aberto. Para trabalhar este aspecto de sua natureza, ele cria ideologia(s), que é a casa, é a circunstância interpretada, é o arranjo definido, é a própria definição que fecha o campo, excluindo outras possibilidades.

As ideologias que o ser humano constrói ou é cooptado a elas, são de dois tipos:

a. **as ideologias do passado** – elite decadente endeusa o passado, onde vê o eterno, o verdadeiro, o bom, o nobre, o digno; passado é elevado à categoria de absoluto (de onde a diferença entre velho – decadente - e antigo – nobre, ilustre, glorioso); ideologia enaltece o velho; recordar o antigo é renovar-se.

b. **as ideologias do porvir** – tem a mesma estrutura da ideologia do passado: imaginam uma situação definida para o futuro e elevam a resposta nela contida a padrão de vida indiscutível.

Em contraposição a essa construção ideológica - e cabe aqui ressaltar que não existe ser humano que não carregue consigo e não defenda ideologia(s), visto que elas se conformam como abrigo protetor da própria existência – a Filosofia é pensamento aberto, indefinível; é busca da liberdade que anima a ideologia; é crítica da situação.

Constatação necessária é que o ser humano normalmente não filosofa, não discute os pressupostos de seu acerto de vida; quando pensa, faz mais ideologia que filosofia, pois, para filosofar é preciso um mínimo de *história*, uma *tradição* de eventos, um caminho percorrido, onde o ser humano, no seu civilizar-se, tenha deixado a marca do que é. O Ser humano articula mais o agir do que o pensar, visto que o ser humano perdeu a força originária da cultura pretende perpetuá-la e justificá-la na obra de um pensamento racional; é nos momentos de decadência que melhor se patenteia o implícito vigor do arranjo de vida que o ser humano se dera.

A Filosofia só começa a existir depois da ação, visto que ela é sempre histórica e que só tematiza aquela dimensão do ser, sob cuja proposta o ser humano vive. Assim, a Filosofia é fruto sazonado da ação, é a história do ser humano, é a vida concreta levada a uma reflexão mais lúcida. O ato de filosofar versa sobre o ato de viver, de onde se pode dizer que filosofia é história, que Filosofia é saber.

Para poder adentrar neste mundo significativo da reflexão filosófica de construção histórica de cada ser humano, necessário se faz perceber que ele usa de pensamentos, de argumentos, a partir de ideias.

Para compreender este construto do pensamento, precisamos resgatar alguns conteúdos significativos.

a. **Pensamento é diferente de ideia** – muitas vezes usamos a expressão “tive uma ideia”, quando, na verdade, o que ocorreu é um pensamento, ainda que possam ser consideradas ideias complexas. Ideia sempre se refere à coisa em si mesma (Ex: árvore, cachorro, caneta, carro, avião etc.). Neste sentido, a ideia está limitada àquilo que queremos expressar. Pensamento é a articulação que faço de ideias entre si (Ex: gosto de caminhar todas

as manhãs para fazer exercício). No exemplo podemos notar que estamos trabalhando com várias ideias e as estamos relacionando (gostar, caminhar, todas, manhãs, fazer, exercício todas estas são ideias que estou estabelecendo um relacionamento entre elas, construindo um pensamento.

**b. A ideia precisa ser definida** - A perfeita compreensão da ideia depende da definição dela. Aqui entra a importância dos dicionários, que nos ajudam a definir, circunscrever o significado das ideias. Qualquer palavra que busco no dicionário estou em busca de seu significado próprio, a fim de evitar dificuldades de compreensão. Ex: há uma palavra muito conhecida por nós: confusão, que temos uma definição vivencial dela significando tumulto, desordem, falta de entendimento entre pessoas. No entanto, tem outro sentido em várias áreas e, no campo jurídico tem o sentido de coisas que se misturam e que não se pode separar facilmente, como a mistura de água e álcool, onde há a confusão de cada um dos elementos, formando um terceiro. Palavra interessante de se conhecer o seu significado no dicionário é manga (Fruto da mangueira, com um grande caroço central que envolve sua semente, muito conhecido por sua polpa amarelada, doce e succulenta. [Botânica] Árvore da família das anacardiáceas que produz esse fruto; mangueira; Substantivo feminino: da parte da roupa que cobre o braço parcial ou totalmente; qualquer tubo flexível que protege ou isola algo; mangueira; tubo cilíndrico usado para filtrar líquidos; filtro; chaminé de candeeiro que aumenta propositalmente a luminosidade; [Mecânica] Parte do eixo que, fixo na graxeira, recebe todo o peso do veículo. [Mecânica] Mangueira de bomba; cilindro de amianto impregnado de sais metálicos (tório e cério) que, colocado sobre a chama de um lampião, aumenta a luminosidade; Fenômeno que consiste na formação de uma grande massa de vapores espessos; manga d'água, tromba d'água.)

Dessa quantidade de significados para uma só palavra podemos perceber que precisamos, ao construir argumentos ou pensamentos, ter a exata definição das palavras que estamos usando, sob pena de ser entendido o que nunca se pretendeu dizer.

As ideias têm características opostas às características dos objetos particulares. Elas são imateriais, imutáveis e perfeitas. Concebemos uma ideia como algo mental. A ideia de um animal, por exemplo um gato, pensamos estar na nossa mente, e não miando por aí. Gatos particulares, o meu gato, o gato do vizinho existe na realidade, não apenas em nossas mentes. Mas a ideia geral de gato, essa está presente apenas em nossa mente e

carrega consigo características que fazem com que não confunda com uma árvore, um avião, ou qualquer outra coisa. Um gato é um gato por ter características que só a ele pertencem.

Sendo assim, não é difícil de aceitar que uma ideia seja imaterial. Como imaginar que a ideia que tenho de gato seja feita de matéria? Ela faz parte da nossa mente, que não pode ser feita de matéria. Que combinação de átomos, por exemplo, formaria a ideia de fato?

Da mesma forma, ideias são perfeitas. Tomemos, como exemplo, a ideia de um retângulo. Ele não tem nenhuma imperfeição, ao contrário do retângulo que desenhamos por aí, que nunca sai perfeito.

As ideias também são imutáveis. Por exemplo, nossa ideia de hexágono é a mesma da de qualquer matemático. A notação matemática, que chamamos de número, carrega consigo um mesmo significado hoje, o mesmo que pensavam os gregos. Alguém pode dizer que tem a ideia de um círculo quadrado. Nesse caso, concordamos com Platão, que diria que a pessoa em questão não tem uma ideia verdadeira do que é um círculo, já que o que um círculo realmente é não muda, é igual para todos, em qualquer época e lugar.

A partir dessas noções gerais, podemos dizer que temos três tipos delas:

a. **ideia concreta** – é a coisa que se pode compreender a partir de suas características próprias, que as delimita, e que são apreendidas pelos nossos sentidos. Se neste momento é sugerida a ideia de um avião, todas as pessoas que estão lendo trarão à sua mente a imagem do que seja este objeto, que não será confundido com qualquer outro, não importando o tamanho, o tipo etc.

b. **ideia abstrata** – é aquela que depende de uma outra ideia concreta para poder ser compreendida. Normalmente ela é expressa por intermédio de um adjetivo. Se afirmo que este carro é bonito, esta ideia – bonito – será compreendida na ligação que faz com algum veículo que também entendo que tem a mesma característica de beleza. Assim, a compreensão da ideia abstrata depende necessariamente de um relacionamento mental que fazer com alguma ideia concreta que a expresse.

c. **ideia puramente abstrata** – é aquela que não existe forma de compreensão do seu significado a não por intermédio de sua definição, normalmente encontrada nos dicionários. É a definição da ideia, feita por meio de comparativos, de construção da linguagem que a expresse. É tudo aquilo que resulta de uma abstração de um alheamento. É o que só existe na ideia, no conceito. É toda representação que não corresponde a nenhum dado sensorial. É aquilo que é de compreensão difícil, na medida em que precisa de muitas palavras para explicar o seu conteúdo. São elaborações do intelecto obtidas pela própria mente sem necessidade de experiência.

As **ideias puramente abstratas** são aquelas que se encontram somente na linha do pensamento abstrato e irreal, de forma que possam **ser somente discutidas ou argumentadas nos campos fictícios**.

As **ideias concretas** são aquelas que podem se tornar **práticas e reais**, uma vez que tenham sido idealizadas e desenvolvidas no **campo das ideias**, mas foram postas em prática, geralmente para solucionar **problemas cotidianos**.

As reflexões sobre a natureza do pensamento abstrato continuaram com as abordagens empiristas (a abstração está baseada na observação da realidade) ou com as abordagens racionalistas (a capacidade de abstração é uma faculdade mental independente da experiência).

Um dos significados da palavra puramente abstrato se refere ao pensamento humano, pois de tudo o que observa pode extrair traços gerais e a partir daí obter ideias. As ideias (de bondade, amor, desejo, entre outras) são conceitos que não podem ser observados de nenhum lugar, mas são capazes de deduzir através de um processo de abstração.

Os filósofos expressam a ideia do que é puramente abstrato. Deve-se destacar que a filosofia surgiu como superação do pensamento mítico, baseado na simples observação dos fenômenos da natureza, que eram atribuídos às forças espirituais ou à vontade dos deuses.

Para Platão, a abstração é o que cria nossas ideias, são os conceitos que se referem à realidade de maneira genérica e formal. Outros pensadores expressaram o conceito universal. Este tipo de versão conceitual foi aplicado ao pensamento científico, do qual também apresenta conceitos abstratos: velocidade, energia, força, aceleração, entre outros. A

matemática é um conhecimento puramente abstrato, uma vez que seus princípios ou axiomas são produto da razão humana.

A filosofia e a ciência não são as únicas disciplinas que tratam do abstrato

O pensamento abstrato é o que nos diferencia da maioria dos animais. Como provavelmente podemos perceber a partir da definição de pensamento concreto, pensamento puramente abstrato é quando alguém pode pensar sobre coisas que não estão fisicamente na frente dela. Pode-se pensar em um objeto que acabou de ver, pensar em filosofias, manter um conjunto de princípios na cabeça e assim por diante.

Os pensadores puramente abstratos usam analogias e metáforas para compreender o mundo. Eles podem ler a linguagem corporal e saber a diferença entre verbal e não verbal. Eles podem ver a diferença de espaço em um objeto e ver sua aparência atrás dele, sem ter que girar. Eles são pensadores críticos, voltados para a ciência e podem raciocinar muito bem.

Pensamento puramente abstrato é um tipo de pensamento que nos permite refletir sobre coisas que não estão presentes no espaço e no momento atual. Também nos permite refletir sobre conceitos e princípios gerais, tanto em nosso dia a dia quanto em um ambiente mais acadêmico ou profissional.

A vantagem, se assim pudermos expressar, do pensamento puramente abstrato é que as pessoas se sentem mais poderosas quando têm permissão para pensar de forma abstrata. Isso poderia ser uma evidência a favor da vantagem do pensamento puramente abstrato sobre o pensamento concreto, que seria mais restritivo.

Podemos, então, trabalhar com o conceito de que o pensamento puramente abstrato é a capacidade de compreender as propriedades essenciais e comuns. Serviria para manter em mente diferentes aspectos de uma situação, para prever e planejar o futuro, para pensar simbolicamente e tirar conclusões. Seria o oposto do pensamento concreto, que neste caso é aquele pensamento literal baseado no tempo e no espaço presentes.

É por intermédio do pensamento puramente abstrato que somos capazes de perceber as relações entre diferentes ideias, crenças ou elementos do ambiente externo e interno.

De suma importância o desenvolvimento e a busca de conteúdos com pensamentos puramente abstratos porque nos ajuda a inovar, criar, imaginar, desenvolver novas ideias e especialmente pensamentos, aprender com as experiências do passado e refletir sobre o futuro.

*“O pensamento é a principal faculdade do homem, e a arte de expressar pensamentos é a primeira das artes.” (Etienne Bonnot de Condillac)*

### **III - DO USO DO PENSAMENTO PURAMENTE ABSTRATO**

Considerando que o ser humano tem como característica essencial, a partir das ideias, de construção de pensamentos e de linhas de raciocínio que prescindem de prova, mas que podem ser significativas somente na sua forma própria de expressão, conforme vimos acima, encontramos muitos pensadores dos mais diferentes matizes, que buscaram expressar o que lhes ocupava a mente.

Podemos afirmar que o ser humano é um ser falante porque é um ser pensante.

No uso de palavras para se comunicar está o grande desafio a pautar a vida das pessoas em sociedade, bem como o papel das ciências em especial: procurar entender as diferenças entre tudo o que existe, especialmente as diferenças entre aquelas coisas que são parecidas, semelhantes, iguais, e procurar entender o papel que essas diferenças exercem no todo. Especialmente o papel que o diferente exerce no relacionamento com o outro diferente no sentido de contribuir para a sua função ou substituir a sua função.

É exatamente aqui que aparece a necessidade de definição (*s.f. delimitação exata, estabelecimento de limites; significação precisa de; indicação do verdadeiro sentido de<sup>2</sup>; Enunciação dos atributos e qualidades próprias a um ser, a uma coisa; palavras com que se define<sup>3</sup>*) das coisas por intermédio de nossas palavras. Uma definição identifica o que se pretende definir, tirando dela possibilidades de serem confundidas ou não percebidas. Pode-se até não ter, por intermédio da definição, uma clara compreensão do definido, mas é dada uma possibilidade de não confundir com algo que simplesmente tem significado contrário ou oposto.

---

<sup>2</sup> DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Disponível em: <http://200.241.192.6/cgi-bin/houaissnetb.dll/frame>.

<sup>3</sup> Dicionário on line de português. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/definicao/>

As palavras identificam as coisas e lhes dão sentido, vida, objetividade. Palavras são usadas e muitas vezes criadas com o objetivo de limitar o seu sentido, a sua dimensão, a sua característica. E uma vez identificada, a palavra tem o seu limite, a sua aplicação, o seu significado próprio, fazendo com que o seu uso esteja enquadrado dentro da sua definição, da sua identidade.

Assim, pode-se afirmar que tudo que existe guarda consigo características que lhe são próprias, que as identificam, que as tornam únicas.

Ora, quando se trata de pensamentos que procuram expressar conteúdos que estão no âmago do ser humano, muitas vezes é o desejo de que esses mesmos pensamentos encontrem outras pessoas com quem possam compartilhar e possam construir caminhos de construção histórica juntos.

Também é característica dos seres humanos se aproximarem de pessoas que tem consigo os mesmos pensamentos, não na sua totalidade, o que seria absolutamente impossível, mas que os conteúdos mais significativos sejam compartilhados de forma a, juntos, construir o momento histórico que vivem, como expressão até de suas personalidades, de suas formas de ver, entender e interpretar o momento em que vivem.

No mais das vezes esses conteúdos são elaborados a partir de ideias puramente abstratas. Conforme vimos acima, são ideias que, usando definições próprias ou como resultado de interpretação de seu conceito, passam a ser consideradas como válidas, já que prescindem de necessidade de comprovação de validade do seu conteúdo.

Assim, quando recebemos pela linguagem um conteúdo, um pensamento, um argumento, imediatamente o colocamos em nossa capacidade de reflexão para verificar se concordo ou não, se é viável ou não, se pode ou não ser aceito. Esse processo leva em consideração a capacidade do ser humano de fazer relacionamentos de conteúdos até daqueles que nunca houvera sido objeto de reflexão, mas que quando é recepcionado pelos nossos sentidos, sobre eles tomamos de imediato uma decisão de acatamento ou não. Tal acatamento não significa que será petrificado no âmbito das nossas decisões, mas significa que, ao menos de imediato, é a decisão a respeito. Sempre será possível reconsiderar para acatar ou para rejeitar em definitivo os pensamentos que nos chegaram ao conhecimento.

Tal exercício de convivência social é extremamente salutar, criando um ambiente de profundo respeito ao pensar do(s) outro(s). E principalmente porque não significa que obrigatoriamente devo acatar o seu conteúdo.

Por exemplo, tal encontramos no campo das relações humanas no tocante ao futebol. Cada pessoa escolherá o time que será objeto de sua “devoção”. Se isto for um pensamento maduro ocasionará a capacidade da pessoa de conviver harmonicamente com outra que não tem a mesma predileção, podendo até mesmo ser antagônica e crítica da opção adotada. Se permanecer no campo dos pensamentos e argumentos, haverá espaço suficiente para que ambas as pessoas possam conviver sem que tal resulte em conflito. Ninguém pode, a qualquer tempo, ser obrigado a ter a mesma predileção ou ser constrangido a nunca dar a sua opinião contrária à opção do torcedor. É uma decisão fundamentada em conteúdo de ideia puramente abstrata, ou seja, gosto, predileção, identificação. Tais condições, se respeitadas como sendo expressão do mundo interior da pessoa, cria um espaço de convivência de construção histórica significativa.

Porém, se a posição decidida pelo torcedor de um determinado time for a de que ninguém tem o direito de ter outra predileção, acaba por instituir uma condição de relacionamento tormentosa, que muitas vezes pode precisar de intervenção do Estado para acalmar ou dirimir os resultados desse tipo de convivência.

Os amigos vivem a história, cada um deles trazendo a sua própria e compartilhando momentos com outra história completamente diferente, mas que procuram espaço para que cada um seja o que é. Na verdade, se tornam cúmplices de vivências históricas completamente diferentes, mas que buscam viver um pouco em comum, despretensiosamente.

Quem sabe é exatamente aqui que encontramos a maior dificuldade do relacionamento amplamente chamado de social. Já pelo simples fato de ser social existe uma pré-disposição de que o outro deve ser da forma como a cultura, a ideologia entende e gostaria, é o ideal que o outro seja. Nesse sentido seria a coisificação do ser humano, onde se pretende manipulá-lo para se adequar a modelos pré-estabelecidos.

Este processo de construção de pensamentos e argumentos fundamentados em ideias puramente abstratas tem reflexos diretos no tipo e nível de relacionamento social que o

ser humano, desde tenra idade, vai desenvolver no seu próprio tecido social, visto que resultará no desenvolvimento da capacidade de não conseguir ter parâmetros específicos para a construção da sua própria vivência social.

A construção de pensamentos e argumentos que visam atender grupos específicos de agentes sociais são fundados em ideias puramente abstratas. Isto é estruturante do pensamento. Por outro lado, dois fenômenos são desencadeados a partir desta realidade:

1. A facilidade de construção de ideologias, que por sua própria natureza, considerando que é a elaboração intencional de conteúdos com vistas a objetivos quase sempre pouco conhecidos ou pouco explicitados, escancara as portas para que as verdadeiras intenções quando de sua elaboração.

Segundo expõe Fábio Souza C. Lima<sup>4</sup>, a ideologia é produzida em três momentos fundamentais:

a) ela se inicia como um conjunto sistemático de ideias que os pensadores de uma classe em ascensão colocam no mundo. Nesse momento a ideologia se encarrega de produzir uma universalidade com base real para legitimar a luta da nova classe pelo Poder;

b) ela prossegue tornando-se o que pensador italiano **Antônio Gramsci** denomina de *senso comum*, isto é, ela se populariza, tornando-se um conjunto de ideias e de valores concatenados e aparentemente coerentes;

c) mesmo após a vitória da classe que ascende ao Poder, a ideologia continua interiorizada como *senso comum* e continua a nortear a nova Ordenação Social.

(...)

Embora a ideologia tenha a aparência de algo racional e coerente como a ciência, como a tecnologia, como a filosofia, como a pedagogia, como uma explicação e como uma ação, isso ocorre apenas porque *não diz tudo*. E não diz tudo porque não pode dizer tudo. Se assim o fizesse, se quebraria por dentro. Ou seja, se nós conseguíssemos perceber a ideologia, sabendo até que ponto ela entra em nossas vidas e o que ela quer de nós, ela não mais faria efeito em nós. O que queremos dizer é que a ideologia tem por característica se esconder, aparentando ser um conjunto de ideias que sempre existiram, que não favorecem a ninguém, não ajudam a alguns a permanecer no Poder. As pessoas dominadas pelas ideologias não conseguem perceber que são dominadas e, frequentemente, não apenas servem a elas, mas também a defendem. Desta forma, as **classes sociais dominadas** continuam a crer que *as coisas são como são*, sem ter a menor possibilidade de mudança. Se, por outro lado, a dominação e a exploração de uma classe por outra classe for perceptível como violência (simbólica), isto é, como poder injusto e ilegítimo, os explorados e dominados se sentem no justo direito de recusá-la, revoltando-se contra os dominadores. Por este motivo, o papel específico da ideologia como instrumento da luta de classes é impedir que a dominação e a exploração sofridas pelos dominados sejam percebidas em sua realidade concreta. Trata-se também de um disfarce.

O encantamento ou a simples rejeição dos conteúdos ideológicos são exatamente da mesma estrutura da formação das ideologias, visto que, por se tratar de ideias puramente

---

<sup>4</sup> LIMA, Fábio Souza C. Ideologia e alienação. Disponível em: <http://www.cafehistoriaefilosofia.com.br/2011/05/ideologia-e-alienacao.html>. Acesso em 15.10.2015.

abstratas, encontra guarida ou é expulsa do pensar do ser humano nas mesmas condições em que são criadas.

Carece de necessidade de comprovação qualquer que seja. E deve ter amplo espaço de divulgação e deve cingir-se da característica de liberdade de acolhimento do seu conteúdo.

A grande dificuldade é quando a coerção que o grupo exerce sobre o ser humano a partir do momento que este se rebela ou não se identifica com o grupo ou não obedece às suas regras pode ocasionar o isolamento ou a sua exclusão, visto que este também tem expectativas em relação a todos os seus membros, descartando-os caso não correspondam. Destas condições a história está repleta de exemplos.

#### **IV - DA RELAÇÃO DO DIREITO COM O PENSAMENTO PURAMENTE ABSTRATO**

É característica fundante do Direito ter conteúdos baseados em ideias puramente abstratas (Ex: justiça, equidade, liberdade e tantas outras). A gênese do Direito depende dessas ideias absolutamente abstratas para poder construir todo o arcabouço de doutrinas, leis, jurisprudência e demais elementos constituidores de sua existência.

A vida do Direito tem estrita ligação com a capacidade do ser humano de, no transcorrer da história, elaborar, criar, apresentar conteúdos de ideias absolutamente abstrata para a consideração da sociedade a respeito de sua oportunidade e validade. Os conteúdos próprios das ideias absolutamente abstratas se oportunizam no campo das grandes discussões doutrinárias do Direito, constituindo-se no *locus* onde as manifestações dos pensamentos e argumentos da sociedade tendem a ser transformados em legislações que podem – e cada vez mais o fenômeno está ocorrendo – determinar um comportamento aos entes sociais que ferem a sua identidade pessoal, social, educacional, religiosa, ocasionando o acolhimento de pretensões que são expressão de grupos que efetivamente não representam o pensamento da sociedade, mas que via legislativa ou mesmo de decisões do Poder Judiciário, acabam por impor certas condutas que se

confrontam, se chocam, se constituem em verdadeiros ferrolhos para os demais membros da sociedade.

Neste sentido, o Direito também encontra espaço para guarida de todos os tipos de ideologias de plantão, visto que, da mesma forma, não se propõe ele a ser um instrumento próprio de questionamento das ideologias presentes.

Como exemplo, destaque-se o papel que diversas ciências tem apresentado os seus conteúdos no Direito com vieses muitas vezes ideológicos e que usam do Direito com a finalidade de disseminação de suas pretensas verdades que, diga-se de passagem, por serem construídas a partir de ideias puramente abstratas, visam fazer com que os membros da sociedade acolha os seus conteúdos de forma inquestionável, mas também de forma irreversível.

Note-se que o encantamento com a ciência como se ela tivesse a resposta para tudo, para todas as circunstâncias e para todos, tem sido tomado como instrumento – até – ideológico de disseminação de suas “verdades” que se fundam em ideias puramente abstratas, o que, por via de consequência deve ser recebida sem qualquer tipo de comprovação, sendo aceita somente a sua estruturação como pensamento.

Uma das formas que tem sido utilizadas pelo Direito para fazer uma distinção entre ideologia e realidade nos discursos e pensamentos presentes na sociedade caminha pelos trilhos dos Direito Difusos e Coletivos, onde, numa espécie de repercussão geral, consegue agasalhar o atendimento das necessidades de parcela significativa da sociedade – para não dizer de toda a sociedade -, sem estar envolvido com conteúdos ideológicos que costuma estar bem presente nas ideias puramente abstratas.

Tal disponibilidade permitida pelo Direito permite que a a forma de ser do grupo e a sua relação com a identidade social refreia a capacidade das ideias puramente abstratas de serem transformadas em verdadeiros cárceres sociais, até porque é possível que ocorra o fato de o ser humano gostar da sua própria cela. A competitividade cada vez maior da estrutura da sociedade parece dar o fundamento para o autoaprisionamento em torno de uma ideia puramente abstrata ideologicamente determinada que o grupo pretende seja divulgada e conhecida e especialmente acatada, utilizando os meios de que dispõe a legislação para que o fenômeno do aprisionamento social ocorra, como no caso de consideração de

qualquer manifestação contrária – enquanto manifestação – como ato lesivo a toda a sociedade.

Por outro lado, de se reconhecer que a própria sociedade cria mecanismos autorreguladores com o intuito de fazer com que os seres humanos se enquadrem dentro de expectativas criadas não pela sociedade em si, mas pelos detentores do poder de determinação de pretensos valores a serem observados por seus membros. Neste mister, os elementos fundantes destes pretensos valores visam dar retorno em dois sentidos: o primeiro, num sentido aparente, onde todos os seres humanos integrantes desta sociedade se sintam participantes e “inclusos” porque se amoldam aos padrões estabelecidos; o segundo, não perceptível pela maioria dos seus integrantes, é a força que impulsiona os seres humanos de determinada sociedade para que cumpram o seu papel a fim de que os interesses das classes dominantes sejam plenamente satisfeitos. Quando tais conteúdos estão fundados em ideias puramente abstratas, corre-se o risco de que, por não haver necessidade de comprovação de sua eficácia e da capacidade de alcançar os objetivos colimados, acabar por transformar o Direito num *locus* de tentativa de transformar o abstrato em concreto, pela via legislativa e pela coerção por ela determinada, utilizando-se da força típica do Direito para que tal fim seja alcançado.

Dentro deste cenário, abre-se o pseudopapel integrador e o papel real excludente dos resultados. Enquanto o ser humano imagina que está incluso na sociedade, ele se torna um elemento absolutamente útil para que a classe dominante aplauda o seu comportamento. Se, porventura, pessoas começam a questionar o papel que desempenham na sociedade, forças contrárias imediatamente se levantam para impedir até a possibilidade de mudança do *status quo*, numa clara tentativa de não permitir que riscos ocorram de mudança dos privilégios que a classe dominante detém.

No jogo histórico das sociedades, desde eras priscas o ser humano se defronta com essa situação: ou se submete aos ditames legais das forças que se identificam como transformadoras da sociedade, aplaudindo a existência de obrigações que lhe são alienígenas, ou pagam alto preço por se opor ao cumprimento da lei que considera injusta, imoral, incabível com aqueles conteúdos específicos.

Tal situação ocorre cada vez mais no âmbito do Direito. Em nome de uma pretensa segurança jurídica, os seus operadores tendem a se transformar em repetidores do

modelo imposto pela lei – expressão dos interesses das classes dominantes – e rechaçar a possibilidade de que outros direitos não legislados ou até mesmo contrários aos ditames legais, possam em algum momento demonstrar a sua existência e possibilidades, estas, diga-se, sempre tomadas como ameaçadoras da tranquilidade esperada por intermédio da lei.

É dentro deste contexto que afloram as posições radicalizadas (no sentido dogmático de indisponibilidade de admitir a diferença) que não abrem espaço para a existência e manifestação que visa enquadrar todas as pessoas dentro de conceitos de “normalidade”, esta definida por interesses de grupos sociais que pretendem a qualquer custo impor as suas ideias puramente abstratas a toda a sociedade. Assim, a afirmação étnica, de gênero, opção sexual etc., não é uma questão de identidade cultural, de retorno ao idêntico, mas sim uma problemática da multiplicidade e da pluralidade que, se reconhecida na vivência social, sem as polarizações, sem as radicalizações, sem os jargões ideológicos, o Direito será instrumento de suma importância para o equilíbrio das forças sociais. No entanto, se o Direito sucumbir aos conteúdos sociais com o veio da ideologia e da intolerância, será ele um instrumento a não permitir a segurança jurídica que dele se espera.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O ser humano não tem como escapar: ele é pensante, social e histórico. Ao elaborar o conteúdo específico no âmbito de sua mente, de suas decisões, os conteúdos abstratos estarão presentes e muitos deles acalentados pelos pensadores e filósofos que, no transcorrer do tempo, trouxeram conteúdos a serem levados em conta.

Ao utilizar as ideias puramente abstratas pode contar com algumas características referentes à sua forma, conteúdo e funções: Focaliza os elementos que não estão presentes (vai além do ambiente atual); permite imaginar, criar e inovar; estimula o pensamento reflexivo e profundo; ajuda a encontrar significados diferentes para cada situação; permite pensar de forma abstrata, criando ideias do mesmo tipo; é um pensamento hipotético-dedutivo, que permite construir hipóteses sem a necessidade de testá-las empiricamente; é um pensamento flexível, que estimula o debate.

O pensamento puramente abstrato é o que mais distintivamente nos diferencia da maioria dos animais. Como se pode perceber, pensamento puramente abstrato é quando

alguém pode pensar sobre coisas que não estão fisicamente na sua frente. Pode-se pensar em um objeto que acabou de ver, pensar em filosofias, manter um conjunto de princípios na mente, e assim por diante.

Esse pensamento vai do geral ao particular, o que permite a formulação de leis e teorias, já que o pensamento abstrato permite a reflexão e o debate, por ter característica de ser um pensamento flexível.er

A construção de pensamentos e argumentos com base nas ideias puramente abstratas, no seu relacionamento com o Direito proporciona o local adequado para que elas possam ser implementadas na sociedade, tomando-se o devido cuidado para que não se transforme em elemento de encarceramento social, em aprisionamento, via legislativa e poder de coerção na tentativa de transformar a sociedade num grande galinheiro, no dizer de Rúben Alves.

Há que se estar atento para que o Direito não se transforme no grande instrumento onde as pessoas possam buscar “os seus direitos”, deixando de levar em conta que o Direito também precisa ser instrumento de exigir “os seus deveres”. Neste sentido, o Direito jamais pode ser constituir em instrumento para (im)posição de valores, a fim de que os pensamentos de Platão estejam presentes: “Muitos odeiam a tirania apenas para que possam estabelecer a sua.”; “Boas pessoas não precisam de leis para obrigá-las a agir responsabilmente, enquanto as pessoas ruins encontrarão um modo de contornar as leis.”

## REFERÊNCIAS

DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Disponível em: <http://200.241.192.6/cgi-bin/houaissnetb.dll/frame>.

DICIONÁRIO on line de português. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/definicao/>

LIMA, Fábio Souza C. Ideologia e alienação. Disponível em: <http://www.cafehistoriaefilosofia.com.br/2011/05/ideologia-e-alienacao.html>. Acesso em 15.10.2015.

Submetido em 10.09.2021

Aceito em 20.11.2021